

# PERCEPÇÕES SOBRE A FAUNA EM ESTUDANTES INDÍGENAS DE UMA TRIBO TUPINAMBÁ

## PERCEPTIONS ABOUT FAUNA IN INDIAN STUDENTS FROM A “TUPINAMBÁ” TRIBE

Jussara Paula Rezende Pereira<sup>1</sup>  
Lílian Boccardo<sup>2</sup>, Júlio César Castilho Razera<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB /  
Licenciada em Ciências Biológicas, lebiouesb@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB /  
Departamento de Ciências Biológicas, boccardo@uesb.br

<sup>3</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB /  
Departamento de Ciências Biológicas, juliorazera@uesb.br

### Resumo

Índios brasileiros tentam resgatar sua cultura, mas enfrentam dificuldades que incluem a educação e, mais especificamente, o ensino de Ciências. Servindo-se como um dos subsídios a essa discussão, este trabalho teve o objetivo de identificar e discutir as percepções de estudantes indígenas da Tribo Tupinambá de Olivença, na Bahia, sobre a fauna. Os dados foram obtidos por intermédio de questionário, aplicado a alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Tupinambá de Olivença, e entrevista com o cacique da tribo. Aspectos afetivos, conceituais e utilitários prevaleceram nas percepções. Sobre a importância dos animais, houve destaque na alimentação; aspectos de afetividade e de religião apareceram em seguida. Os pais são os principais responsáveis pelos conhecimentos dos tupinambás sobre a fauna. O estudo apresenta algumas necessidades educacionais dos índios investigados para a construção de seus conhecimentos, em concordância com aspectos inerentes à cultura a ser resgatada.

**Palavras-chaves:** educação indígena; ensino de Ciências; fauna; etnobiologia.

### Abstract

Brazilian indians try to rescue their culture but they face some difficulties which include the education and, more specifically, the teaching of Sciences. The main objective of this research was to identify and discuss the perceptions of Indian students from “Tupinambá” tribe in Olivença, Bahia, about fauna. The data were collected through questionnaire applied to 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> grade students of Fundamental Level from Tupinambá State School in Olivença, Bahia, and interview with the Indian tribal chief. Affective, conceptual and practical aspects predominated in these perceptions. About the importance of animals, it was emphasized the food, closely followed by aspects of affection and religion. The parents are responsible for knowledge of Tupinambá people about fauna. The study presents some educational necessities of indians investigated in order to form their knowledge in concordance with aspects inherent in the culture to be rescued.

**Keywords:** indian education; teaching of sciences; fauna; ethnobiology.

## INTRODUÇÃO

Desde o século XVI a oferta de programas de educação escolar às comunidades indígenas esteve pautada pela catequização, civilização e integração forçada dos índios à sociedade nacional. A relação de dominância sofrida pelos índios fez surgir uma necessidade de reorganização para tentar inverter esse quadro.

Mais recentemente, grupos organizados da sociedade civil passaram a trabalhar com as comunidades indígenas, tentando alternativas que permitissem a retomada de sua identidade cultural, com a tarefa de proteger, respeitar e valorizar os saberes, as línguas, crenças, tradições e formas de organização desses povos (DIDONET, 2000). Assim, a escola indígena passou a ter um novo significado e um novo sentido, como meio para assegurar o acesso a conhecimentos gerais sem negar as especificidades culturais e a identidade do grupo étnico.

Resgatar a cultura significa conquista de identidade, incluindo os costumes, as crenças e as relações do índio com a natureza. Nessa perspectiva, uma educação escolar indígena mais contextualizada passa a ser exigência no espaço formal de ensino e aprendizagem. Para efetivação e sucesso dessas condições, no entanto, novas estratégias precisam ser adotadas, especialmente no que se refere à formação do professor.

Durante a “*Reunião Técnica dos Professores Indígenas sobre Formação de Professores em Serviço*”, realizada em Brasília, em agosto de 2002, foram definidos os parâmetros do professor indígena. Entre eles: i) gostar de ser professor; ii) ser sensível a seu povo; iii) falar e escrever a língua materna e também o português; iv) ser um pesquisador; v) ser índio daquela etnia; vi) ser formado no ensino fundamental; vii) conhecer a sua cultura e participar da mesma.

O resgate da relação entre índio e fauna no processo de educação formal, além das condições anteriormente mencionadas, requer do professor indígena conhecimentos sistematizados de Zoologia e Ecologia que possam proporcionar ao estudante condições básicas para o entendimento da necessidade de preservação das espécies, admitindo-se o pressuposto de uma estreita relação desses grupos étnicos com a natureza e o seu inegável papel na conservação dos ecossistemas naturais.

Estudos das relações entre comunidades indígenas e a fauna ou a flora são realizados pela etnobiologia, uma área recente da Antropologia que tenta inferir como os diversos povos classificam seu ambiente físico e cultural. A etnobiologia é o estudo dos sistemas de classificação que abrange a etnobotânica, etnozootologia, etnopedologia e etnoecologia (RIBEIRO, 1987).

Cada cultura classifica e encara os animais de maneiras distintas, utilizando-os de acordo com os costumes e percepções de cada grupo. Tendo-se em vista as diferentes maneiras de caracterizar os animais, esta pesquisa potencialmente fornece subsídios para o resgate cultural da tribo Tupinambá de Olivença, por meio da avaliação dos conhecimentos Etnozoológicos dos estudantes investigados e contribuições do ensino de Ciências nesse processo. Sendo esses conhecimentos parte de um conjunto de diferentes aspectos vividos pelos alunos, é importante que os professores investiguem as percepções dos estudantes para melhor desenvolver o processo educativo diante das complexidades de trânsito entre senso comum, ciência e cultura indígena.

A tribo Tupinambá de Olivença, no Estado da Bahia, é um exemplo claro de comunidade indígena que está buscando a superação de dificuldades para preservar uma identidade com o resgate de sua cultura. Visando contribuir no processo de resgate cultural da tribo, convergindo especificamente ao ensino formal de Ciências, o objetivo deste trabalho centrou-se na verificação e análise das percepções dos estudantes tupinambás de Olivença sobre a fauna.

## A EDUCAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL

A idéia de que os índios têm direitos específicos, diferenciados do resto da população, está presente na Constituição Brasileira em vigor; é fruto da mobilização dos povos indígenas e seus aliados na sociedade civil (SILVA, 2003). Na Constituição de 1988, o Estado reconheceu que no seu território vivem povos indígenas, falando línguas próprias, com modos de vida, saberes e cosmovisão diferentes da sociedade nacional e, por isso, eles têm direitos específicos e diferenciados da população em geral, cabendo ao Estado desenvolver políticas para valorizar, respeitar e proteger os modos de vida desses povos (ALMEIDA, 2002). A Constituição de 1988 traz em seu artigo 210: “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. No parágrafo 2º, do mesmo artigo, pode-se ler que “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

Para contribuir com projetos dos povos indígenas, a sociedade civil organizada e os vários movimentos em prol dos índios reivindicaram do Estado brasileiro uma escola autônoma, específica, diferenciada, intercultural e direcionada para princípios da sociedade na qual ela estaria inserida (ALMEIDA, 2002). A escola indígena deve ter como objetivo a conquista da autonomia socioeconômico-cultural de cada povo, contextualizada na recuperação da memória histórica, na reafirmação de sua identidade étnica, no estudo e valorização de sua língua e da própria ciência sintetizada em seus etnoconhecimentos, além do acesso às informações e aos conhecimentos técnicos e científicos da sociedade majoritária e das demais sociedades indígenas e não indígenas (AMARANTE, 1997).

Essa nova perspectiva, segundo Silva (2003), rompe com o padrão educacional guiado por intenções catequizadoras e civilizatórias do passado, fazendo com que a escola indígena atual deixe de ser um instrumento de negação da diferença, dando prioridade às diversidades cultural e lingüística que marcam a existência dos mais de 210 povos indígenas que vivem no Brasil.

O tamanho reduzido da população indígena e, conseqüentemente, sua dispersão e heterogeneidade, tornam particularmente difícil a implementação de uma política educacional adequada (DIDONET, 2000). A fim de garantir os direitos à educação dos povos indígenas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, ratifica os princípios de direito dos povos indígenas à educação bilíngüe e intercultural estabelecidos na Constituição. De acordo com a LDBEN/1996, a União tem o dever de apoiar “técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa”, com o objetivo de: fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena; manter programas de formação pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas; desenvolver currículos e programas específicos, incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades; elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado. O artigo 87, parágrafo 3º, inciso III, trata do treinamento e capacitação de todos os professores em exercício, sejam indígenas ou não índios, devido ocorrências de capacitação inadequada ou incompleta, especialmente daqueles que atuam no interior do País ou em pequenas aldeias em regiões remotas. Programas de capacitação formal e completa para todos os professores são definidos nesse artigo como dever da União, dos Estados e dos Municípios.

Didonet (2000) defende a necessidade de regularizar juridicamente as escolas indígenas, contemplando as experiências bem sucedidas e reorientando outras para que elaborem regimentos, calendários, currículos, materiais didático-pedagógicos e conteúdos programáticos adaptados às particularidades etno-culturais e lingüísticas próprias de cada povo indígena. O

movimento indígena tem exercido pressão e estimulado as autoridades governamentais, sensibilizando-as quanto à especificidade da educação indígena e as peculiaridades requeridas na capacitação dos professores indígenas.

### **A TRIBO TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA**

Os tupinambás de Olivença, assim popularmente chamados, são formados por 3.700 índios cadastrados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e distribuídos em 23 diferentes comunidades: Olivença, Acuipe, Acuipe de Cima, Acuipe do Meio, Acuipe de Baixo, Sapucaeira, Cururupe, Pixixica, entre outras (VIEIRA, 2003). Dados como extintos desde o século XVII, os índios Tupinambás de Olivença tiveram o seu reconhecimento pela FUNAI em 2002 e, agora, buscam resgatar o máximo possível a sua cultura. Trata-se de um povo que, devido ao distanciamento do cotidiano indígena, deixou para trás suas tradições que necessitam ser resgatadas.

Os índios tupinambás foram dados como extintos desde o século XVII, mas tiveram o seu reconhecimento oficial pela FUNAI, em maio de 2002, e agora querem resgatar a cultura e preservar a história da tribo.

Denominados de tupiniquins (“povo vizinho”, em tupi-guarani) pelos portugueses, eles não tiveram uma relação amistosa com os colonizadores. São inúmeros os relatos de massacre contra os índios e muitos povos desapareceram ao longo de séculos de dominação (SAMUEL, 2004). Atualmente existem 3.700 índios cadastrados em 23 diferentes comunidades que compõem a Aldeia Tupinambá de Olivença (VIEIRA, 2003).

A falta de trabalho é um dos problemas que os tupinambás enfrentam. Como não possuem terras para cultivar, os índios são obrigados a trabalhar como empregados em fazendas vizinhas à aldeia. A renda média é inferior a um salário mínimo por família. A devastação da floresta impede o extrativismo de consumo e a miséria está presente na maioria das casas e na aldeia.

Um outro problema enfrentado pelos tupinambás refere-se à educação escolar. Eles esperam a construção de uma escola para colocar em prática o ensino específico e comportar todos os estudantes de 1ª a 8ª série em salas distintas, pois as salas atuais são de séries mistas. Os tupinambás estudam em escolas normais espalhadas por diversas localidades da região. Eles não utilizam livros didáticos diferenciados, mas os mesmos utilizados por escolas não indígenas da rede pública.

Com o recente reconhecimento pela FUNAI dos índios de Olivença como tupinambás, ressurge a necessidade de uma reorganização dessa tribo, tanto sob o ponto de vista cultural como escolar.

### **ETNOBIOLOGIA E A RELAÇÃO ENTRE ÍNDIO E FAUNA**

Etnobiologia é um termo relativamente recente. Surgiu com a linha de pesquisa conhecida como etnociência, que ganhou impulso a partir da década de 1950 com alguns autores norte-americanos que começaram a desenvolver pesquisas na área (HAVERROTH, 1997).

Uma definição de etnobiologia é feita por Posey (1987):

a etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da Biologia. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo (p.15).

A etnobiologia possui vários campos específicos de estudo, tais como a etnozootologia, etnobotânica, etnoecologia, etnoentomologia, entre outros. Trabalhos de levantamentos

botânicos realizados em áreas indígenas, por exemplo, são chamados de “etnobotânicos” pelo fato de serem efetivados em local habitado por uma população étnica e culturalmente diferenciada. Trabalhos de levantamento da fauna em locais com essas mesmas características, com coleta de informações junto à população nativa sobre a nomenclatura dos animais na língua desse grupo, assim como os usos que fazem e significados culturais desses animais, são chamados de etnozoológicos.

No Brasil, pesquisas etnobiológicas começaram a ser mais freqüentes a partir da década de 1980, embora muitos trabalhos anteriores tenham sido realizados na área da etnobiologia. No Estado da Bahia, local desta pesquisa, exemplos atuais de trabalhos etnobiológicos foram realizados por Costa Neto em 2000 e 2003, respectivamente sobre a percepção de insetos pelos graduandos da Universidade Estadual de Feira de Santana e um estudo de caso das interações entre seres humanos e insetos, no povoado de Pedra Branca, Município de Santa Terezinha.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi realizado na Tribo Tupinambá de Olivença, região do município de Ilhéus, Bahia, composta por 3.700 índios. A escolha dessa tribo para o trabalho foi influenciada pelo recente reconhecimento da Funai, em 2002, e o processo que se desenvolve para o resgate da cultura indígena.

O primeiro contato com a tribo ocorreu por intermédio de J.C., médico que atende a aldeia há alguns anos. Em seguida, houve uma primeira conversa com o cacique V. (no caso dessa aldeia, o cacique é do sexo feminino), que permitiu a realização do estudo. As professoras J.e R., demonstrando bastante interesse pela investigação, auxiliaram a coleta de dados por meio de questionários, que continham 4 questões abertas: O que é um animal para você?; Quais os animais que você conhece?; Qual a importância dos animais para os índios?; Com quem você obteve o conhecimento a respeito dos animais? Os questionários foram aplicados aos alunos de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental, com idade entre 8 e 56 anos, na Escola Estadual Tupinambá de Olivença. Do total de 60 questionários distribuídos, a pesquisa desenvolveu-se com os 41 exemplares preenchidos que retornaram.

Para finalizar o estudo, realizou-se uma entrevista com o cacique V., registrada em fita micro cassete *MC-60* e posteriormente transcrita. No decorrer da pesquisa, anotações de conversas informais com pessoas adultas e de observações *in loco* também foram realizadas. Os questionários respondidos, a fita da entrevista e demais dados obtidos na pesquisa encontram-se depositados no Laboratório de Zoologia de Invertebrados da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A seguir são apresentados os resultados e a análise das respostas obtidas, que foram categorizadas e tabuladas em busca dos objetivos propostos. Ressalta-se que os entrevistados apresentaram respostas de significados múltiplos nas questões abertas que puderam, assim, ser categorizadas em diferentes aspectos.

### **O que é um animal para os alunos tupinambás de Olivença**

Quando questionados com a pergunta “O que é um animal para você?”, os 41 estudantes utilizaram-se de algumas características que foram distribuídas em aspectos conceitual, afetivo e utilitário. O aspecto afetivo foi o mais encontrado (60,9%), como nas afirmações: “É um ser que alegra a vida” (J., 10 anos); “É como um irmão para mim” (A., 9 anos); “É um animal de estimação” (L., 10 anos); “Pra mim, o animal é um amigo” (M., 8 anos); “Os animais, para mim,

é um bicho de estimação” (S., 13 anos); “É uma coisa muito importante, pois temos que cuidar bastante deles” (T., 10 anos).

No conjunto dos aspectos conceituais, foram agrupadas 24,4% das respostas, como: “São seres vivos que faz manter o ciclo da vida funcionando” (D., 32 anos); “Ser vivo capaz de ser domesticado pelo homem” (J., 29 anos); “É um ser irracional” (F., 20 anos); “É um ser vivo que merece respeito” (J., 25 anos); “É uma espécie de seres vivos” (A., 54 anos).

As respostas com aspectos utilitários somaram 14,6%: “Servem de alimento” (V., 9 anos); “Quando serve pra nos alimentar” (M., 13 anos).

A maioria dos estudantes indígenas percebe os animais como seres de estimação, mantendo uma relação de afetividade com eles. Pode ser característica de cultura indígena ou influência dos animais domésticos que fazem parte do seu cotidiano. De acordo com Moura (2004), a fauna doméstica caracteriza-se por sua especial forma de interação com o homem em seu meio ambiente, apresentando comportamento normalmente dócil e de grande dependência para sua alimentação. Os índios são representados como sujeitos que mantêm uma relação de partilha com a natureza; por vezes, eles valorizam tanto os animais que muitos são considerados uma parte da família. Para os índios que vivem às margens do Rio Uaupés e seus afluentes, no Noroeste Amazônico, os animais são como pessoas e habitam mundos aparentemente semelhantes ao mundo dos seres humanos: vivem em comunidades organizadas em malocas, plantam roças, caçam e pescam, bebem caxiri (cachaça), usam ornamentos, participam de festas intercomunitárias e tocam seus próprios Yurupari (flautas sagradas que representam os primeiros ancestrais). Todas as criaturas que podem ver e ouvir, que se comunicam com os do seu grupo e que agem intencionalmente são "gente", mas de espécies diferentes. Esses índios vivem em tribos e mantêm pouco contato com os não-índios, diferente dos tupinambás, os sujeitos desta pesquisa (MOURA, 2004).

### **Os animais mais conhecidos dos alunos tupinambás de Olivença**

Quando foram solicitados a mencionar os animais mais conhecidos por eles, os estudantes exemplificaram 55 diferentes animais (vide tabela 1). De todos os animais citados, o gato e o cachorro apareceram com maior frequência, com 30 e 22 citações respectivamente. Esses números podem demonstrar relação com o cotidiano deles. Por serem considerados animais domésticos, e o fato dos tupinambás de Olivença viverem bem próximos à cidade, é comum encontrar pelo menos um desses animais em suas residências. Segundo Moura (2004), o estado de domesticação pode ser composto por animais silvestres de espécies nativas ou exóticas provenientes da natureza ou do cativeiro e que passam a viver em ambiente doméstico, seja com a finalidade de consumo (alimento) ou companhia (estimação).

As sociedades tradicionais constroem suas etnotaxonomias, considerando de forma marginal seu conhecimento sobre as espécies biológicas (dimensão cognitiva), sobretudo pelos sentimentos (dimensão afetiva), pelas crenças (dimensão ideológicas) e pelos comportamentos (dimensão etológica) que definem as interações dos seres humanos com os recursos faunísticos de seu ambiente (MARQUES, 1995).

Outro aspecto que chama atenção refere-se aos exemplos de animais que não fazem parte da fauna brasileira, como: zebra, tigre, urso, elefante, girafa, leão. Como esses índios estão bastante aculturados, pode ser influência da mídia ou da escola que frequentam, pois não é difícil encontrar tais exemplos e/ou ilustrações em livros didáticos que usam.

**Tabela 1: Exemplos de animais mencionados pelos estudantes Tupinambás, em ordem decrescente**

Animais	Citações	Animais	Citações	Animais	Citações
gato	30	paca	05	zebra	01
cachorro	22	baleia	04	tigre	01
cobra	18	urubu	03	gambá	01
tatu	14	lagartixa	03	tamanduá	01
galinha	12	porco	03	crocodilo	01
vaca	12	capivara	03	tubarão	01
boi	10	periquito	03	anta	01
cavalo	09	tartaruga	02	homem	01
macaco	08	girafa	02	mico	01
sapo	07	leão	02	morcego	01
elefante	07	raposa	02	burro	01
papagaio	06	bode	02	urso	01
onça	06	mula	02	formiga	01
coelho	06	égua	02	gafanhoto	01
passarinho	05	abelha	02	siri	01
galo	05	camarão	02	minhoca	01
peixe	05	caranguejo	02	avestruz	01
jacaré	05	gavião	02		
rato	05	pato	02		

Reportando-se à classificação zoológica popular, os seres humanos percebem, identificam, categorizam, classificam e utilizam os animais de acordo com os costumes e percepções próprios de cada cultura, estabelecendo uma diversidade de interações com as espécies animais nas localidades onde residem (POSEY, 1986).

Dos animais mencionados pelos alunos tupinambás, o grupo dos vertebrados obteve um maior número de representantes (87,2%). Dentre eles, a classe Mammalia teve a maior frequência de citações, num total de 166 (vide tabela 2). Em seguida, apareceram as aves, os répteis, os anfíbios e os peixes. Sabendo-se que a maioria habita a zona rural, trabalha em fazendas ou tem pais que trabalham nesses locais, eles acabam possuindo uma convivência maior com os vertebrados, notadamente os da Classe Mammalia. O resultado pode, ainda, ser consequência da visibilidade dos mamíferos e de uma maior utilidade para eles, tanto sob o ponto de vista alimentar quanto utilitário. Na zona rural do estudo foi observado que é muito comum a ocorrência de boi, vaca, cavalo, porco, tatu, paca, entre outros.

**Tabela 2: Frequência das classes dos animais vertebrados citados pelos estudantes Tupinambás**

Vertebrados	Frequência
Mammalia	166
Aves	39
Reptilia	29
Anphibia	07
Peixes	06

No que se refere aos invertebrados, foram citados apenas três táxons: Annelida, Insecta e Crustácea. Os crustáceos e os insetos foram os mais citados, com três exemplares cada. Sabe-se que os insetos constituem o maior grupo de animais, sendo conhecidas mais de um milhão de espécies (COSTA-NETO, 2000). O número de citações torna-se irrelevante se comparado a grande quantidade de insetos existentes. Ao contrário dos vertebrados, os insetos são menores, menos visíveis e podem não representar tanta utilidade para os estudantes tupinambás, quanto os vertebrados representam. Este pode ser um dos motivos para os poucos exemplares desta Classe. O número de citações de crustáceos também foi muito reduzido, sabendo-se que utilizam esses animais para o consumo e comercialização.

Os tupinambás em nenhum momento, nas respostas ou na entrevista, mencionaram animais pertencentes ao Filo Mollusca. Isso parece relevante, uma vez que a tribo localiza-se em área litorânea. Além disso, no cotidiano utilizam esses animais na alimentação e aproveitam as conchas para confecção de artesanatos, como colares, brincos, pulseiras etc. A ausência de exemplos desse Filo pode relacionar-se a dois fatores, entre outros possíveis: na percepção que possuem, os tupinambás desconsideram os moluscos como animais ou, ainda, ocorreu um simples esquecimento de mencioná-los nas respostas. Por conseguinte, dúvidas ficaram abertas a outras possíveis investigações.

### **A importância dada aos animais pelos alunos tupinambás de Olivença**

No questionamento sobre a importância dos animais, os estudantes indígenas atribuíram caracteres que foram agrupados em afetivo, utilitário e religioso. Cerca de 95% dos entrevistados atribuíram uma importância utilitária aos animais: “Ele serve como alimento” (M., 10 anos); “É importante na alimentação” (L., 13 anos); “Serve para comer” (M., 8 anos); “É um meio de alimentação” (F., 20 anos); “Os animais são importantes aos índios na alimentação e no vestuário” (J., 29 anos); “Serve na ajuda diária” (F., 18 anos); “Serve para o trabalho e na alimentação” (L., 30 anos).

Na entrevista (detalhada mais adiante), o cacique V. fez o seguinte depoimento: “Pra gente, né, nossos parentes, nossos antepassados tinham mais idade porque eles só comem caça”. Ainda pôde ser observado, por meio de conversas com alguns moradores da tribo, que os animais são utilizados preferencialmente como fonte de alimento. Pode ser esse o motivo dos estudantes atribuírem primeiramente a importância alimentar aos animais, sem ao menos citar a sua importância ecológica.

O caráter afetivo correspondeu a 26,8%, com expressões: “Cuidar, brincar e fazer companhia” (M., 10 anos); “Eles alegra a natureza” (G., 11 anos); “É importante pra gente porque algum é nosso amigo” (T., 10 anos). Ressaltando o fato de que esses índios mantêm alguns animais em regime de domesticação ou semidomesticação, tornando-os extremamente mansos, a ponto de nunca mais abandonar o seu convívio, tornando-se muitas vezes defensores da aldeia. Pôde-se observar que eles mantêm uma relação de afetividade com os animais com muitas semelhanças aos não-índios. É comum encontrar em casas residenciais não-indígenas animais, como gato, cachorro, pássaro e, muitas vezes, animais da fauna exótica que são cuidados como membros da família.

Atitudes de simpatia com os animais variam segundo as tradições culturais nacionais (DESCOLA, 1998). Alguns povos asiáticos, por exemplo, consideram determinados insetos (da categoria linneana) esteticamente agradáveis, bons para comer ou bons como animais de companhia.

A importância religiosa aos animais teve correspondência mínima (2,4%), como apresentado por um estudante indígena adulto: “São animais sagrados” (R., 34 anos).

## **Origem dos conhecimentos sobre animais nos tupinambás de Olivença**

Grande parte do conhecimento sobre animais é transmitida de geração para geração. A maioria (80,5%) afirmou ter adquirido o conhecimento por intermédio dos familiares (pais, avós, irmãos mais velhos); 44% admitiram ter aprendido na escola, com o auxílio da professora e dos livros didáticos. É comum em comunidades com essa natureza ocorrer transmissão de conhecimento de pais para filhos, portando isso não poderia ser diferente com os estudantes tupinambás. Entretanto, foi observado durante as visitas à comunidade que os pais dos alunos também estão distantes de uma cultura indígena. Eles não vivenciaram a cultura original dos tupinambás, pois convivem em uma localidade cuja cultura da maioria dos moradores não é indígena. Dessa forma, os ascendentes também sofreram influências de outras culturas, possibilitando que esses conhecimentos sofressem alterações na construção e transmissão.

## **Entrevista com o cacique dos tupinambás de Olivença**

A entrevista com o cacique V. (ou Jamopoty) visou à obtenção de informações que pudessem subsidiar a discussão dos resultados obtidos nos questionários. Ocorreu em sua própria residência, no quintal da casa, na companhia de periquitos, cachorros e de frente para o mar. Uma residência simples, mas localizada em área de grande exploração turística e imobiliária, ao lado de bares refinados, pousadas e hotéis. No passado, essa localidade pertencia integralmente aos indígenas Tupinambás de Olivença.

As questões norteadoras da entrevista estiveram relacionadas à estrutura escolar, à formação do professor, aos órgãos responsáveis pela educação indígena e à importância da preservação dos animais. Durante a entrevista, outros assuntos surgiram, tais como os aspectos ambientais e folclóricos dos tupinambás.

Constatou-se que as dificuldades estruturais da educação local e a formação inadequada dos professores contribuem para a manutenção de um ensino deficitário e voltado para uma educação formal não indígena, ou seja, distante do processo de resgate cultural desejado pelos tupinambás. De acordo com informações obtidas na entrevista, somente alguns professores têm o magistério, mas nenhum possui a formação de magistério indígena:

Alguns professores têm o curso de magistério, outros não têm. Estão fazendo, agora, o curso, mas para a aldeia todos têm que ter o magistério indígena. Inclusive todos os professores, os 42 professores aqui da aldeia tupinambá, não tem o magistério indígena. E a gente sabe que até agora, 2005, todos têm que dar aula formado, tanto quanto o magistério normal quanto o magistério indígena (cacique V.).

Os Tupinambás de Olivença também esperam a construção de uma escola para colocar em prática a educação escolar indígena, conforme estabelecido pela Constituição Federal de 1988. Dos dezessete espaços atualmente cedidos pela comunidade, a maioria não possui estrutura adequada, além das dificuldades de acesso.

Nas aulas ministradas na comunidade, segundo o cacique, os professores falam da importância de preservar os animais, embora saibam que os índios, assim como os não índios, não podem ver um animal que querem logo capturá-lo para alimentação ou comercialização. Aos poucos, entretanto, eles tentam conscientizar seus alunos da importância de se preservar os animais:

Fala, [o professor] fala a importância de a gente preservar os nossos animais, a nossa caça. Embora a gente sabe que o índio não pode ver um tatu, ver uma paca,

não só o índio, mas qualquer um. Quanto mais a gente puder preservar, pra nós índio é muito melhor, né (cacique V.).

O cacique afirmou que ainda não foi possível a implantação de um projeto de preservação da fauna local porque as terras não foram demarcadas e porque a maior parte das matas pertence aos fazendeiros. Os índios são os responsáveis por apenas dois hectares de terra, espaço inadequado para formar uma reserva onde se possa preservar os animais. Isso pode explicar o fato dos estudantes terem mencionado, nos questionários recolhidos, poucos animais silvestres, pois convivem com os animais do cotidiano urbano.

Não, não tem não [sobre projetos de preservação da fauna], porque a nossa aldeia está invadida por fazendeiros, né. Então, tem os donos, os fazendeiros, e tem os índios que moram em dois hectares, seis família, sete, oito famílias. Então, moram tudo apertadinho, não tem mais mata na área onde eles moram. Então, quem tem as matas é o os fazendeiros. Aí, os fazendeiros bota uma placa enorme: Proibido caçar, pescar, pegar lenha. Ele estar proibindo, aí ninguém entra. O que ele faz se o índio chegar ali? Ele dar queixa na delegacia e diz que o índio tá roubando. Bota os pistoleiros, o rapaz que toma conta da fazenda, para não deixar ninguém entrar. Então, aí os índios já não vai mesmo (cacique V.).

Nos questionários, no que diz respeito à importância dos animais, a maioria (95%) dos estudantes atribuiu uma importância utilitária aos animais, enfatizando a alimentação. Nas palavras do cacique, os seus antepassados tinham mais idade porque só comiam “caças”. Isso deixa claro como os animais são importantes para os índios: eles viviam da pesca e da caça, mas com o desmatamento, poluição dos rios e caça indevida, ficou cada vez mais difícil encontrar animais silvestres nessa região.

É pra gente, né [os animais]. Nossos parentes, nossos antepassados, eles tinham mais idade porque só comiam caça. Aí, depois quando chegou os fazendeiros, né, e começou a desmatar, aí a caça começou a ficar escassa e o que acabou mesmo foi o desmatamento, né. Derrubava as árvores pra fazer os pastos, pra criar os animais. E as nossas espécies que já era de extinção, aí já foi acabando, acabando e hoje nós encontramos pouca espécie. E pra nós, se a gente pudesse ter uma área onde a gente pudesse preservar, para que a gente pudesse ter nossos animais lá, a gente pudesse ter o macaco, que eu acho que o macaco ele é essencial, assim ele é para o homem, ele tem um olhar. O macaco é o símbolo da humanidade. Se a gente tivesse uma área que pudesse ter os macacos, pra preservar, pra conservar. Aqui tem onça, tem. Ainda tem onça aqui. A gente sabe que ainda tem animais, se a gente pudesse tomar conta dela [da área de mata], a gente vai ver que têm muitos animais lá, escondido em locas de terra que a gente ainda não consegue chegar (cacique V.).

No decorrer da entrevista foram surgindo assuntos relacionados ao folclore, como a presença da figura "Caipora", guardiã da mata. Para o cacique, a mata é encantada. Tudo que está relacionado à natureza é encantado. E não se pode entrar na mata sem pedir licença:

A mata é encantada, as matas ou o mar é encantado. A mata é encantada. Não, ninguém me diga: aí, eu vou entrar na mata até tranqüilo. Não. Se perde. Pode ser o maior homem do mundo, se perde e a caipora engana. Existe ainda a caipora. Quando entrei na mata, a primeira coisa que peguei... a flor da caipora. Fiquei

achando que tava bonita e tranqüila. Ai ela chegou: Você pegou minha flor sem pedir? Agora você vai ficar perdida. Passamos a tarde toda. Quando foi escurecendo, a gente viu o caminho. Ah, que castigo! Então, eu quando entro na mata, eu peço licença. Se vai pescar, peça licença para poder pescar. Porque se não pedir licença, você não pesca um peixe (cacique V.).

Os depoimentos do cacique constituíram um importante referencial para este estudo, reforçando a necessidade de implantação de uma política efetiva de educação indígena no Brasil, salvaguardando as diferenças geográficas, lingüísticas e culturais de cada povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tupinambás de Olivença, por estarem distanciados de sua cultura, enfrentaram e ainda estão enfrentando diversas dificuldades, especialmente no âmbito escolar, pois as escolas não estão preparadas estruturalmente para receber seus alunos. O cacique da tribo atribuiu à formação dos professores e à estrutura escolar precária, entre outras, as principais dificuldades de implantação de uma política efetiva de educação indígena em Olivença. No processo de resgate que buscam, as necessidades passam pela reformulação de ensino.

Resultados do estudo demonstraram que os estudantes indígenas percebem os animais como seres dóceis, como animais de estimação. A importância alimentar dos animais também prevaleceu. Não houve menção, como inicialmente esperado, à importância ecológica, já que os índios são popularmente considerados defensores da natureza. Os vertebrados são os animais mais conhecidos dos tupinambás, podendo estar relacionado com o tamanho e a utilidade deles. Houve citações de animais que não fazem parte da fauna brasileira, caracterizando influências externas à cultura indígena regional ou o acesso a livros didáticos que não são específicos, pois os índios utilizam livros fornecidos pelo MEC, que são os mesmos das escolas públicas estaduais não indígenas. A maioria dos estudantes tupinambás mencionou obter o conhecimento sobre os animais por intermédio dos pais.

Na relação entre índio e fauna cabem aos professores analisar os conhecimentos dos alunos e tentar aproximá-los com a ciência, sem prejuízos da especificidade étnica. O professor deve compreender que o aluno é um sujeito que faz parte de um grupo social e que se relaciona com diferentes tipos de conhecimentos, e esses conhecimentos, valores e crenças são gerados no meio de influências sócio-culturais que fazem parte da vivência do aluno, pois, como menciona Oliveira (1997), cada indivíduo a sua maneira percebe, vivência e interpreta o mundo que conhece. De acordo com Gibson (2005), a percepção é uma consequência direta das propriedades do meio e não envolve qualquer forma de processamento sensorial. Quando buscamos as causas e as origens das concepções dos estudantes, “precisamos considerar que elas são influenciadas por aspectos culturais, históricos, sociológicos, psicanalíticos” (OLIVEIRA, 1997).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. A. *A Política de Educação Escolar Indígena: Limites e possibilidades da escola indígena*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco. 2002.

AMARANTE, E. *Processo Histórico e Identidade: O ser e o estar dos povos indígenas. Dois Pontos. Teoria e Prática em Educação*. v. 4, n. 32 maio/jun. 1997.

COSTA–NETO, E. M. *Percepções dos insetos pelos graduandos da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil*. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana: UEFS, 2000.

DESCOLA. P., Estrutura ou sentimento: a relação do animal na Amazônia. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 24-45, 1998.

DIDONET. V. *Texto Legal: Plano Nacional de Educação*. Brasília: Plano, 2000.

GIBSON. J. J. Teoria da Percepção pela informação. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/professores/suporteaprof/pedagogia/teoria26percinform.asp>> Acesso em: 10 maio 2005.

HAVERROTH, M. *Kaingang, Um Estudo Etnobotânico: o uso e a classificação das plantas na Área Indígena Xapecó*. 1997. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1997.

MARQUES, J. G. W. *Pescando Pescadores: Etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano*. São Paulo: NUPAUB / USP, 1995.

MOURA, R. C. G. A difícil definição de fauna exótica na Legislação brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO AMBIENTAL, 8, *Teses 2004*. Disponível em: <<http://www.planetaverde.org/teses/641-658.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2005.

OLIVEIRA, D. L. Considerações sobre o ensino de Ciências. *Cadernos da Educação Básica*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (org.). *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis-RJ: FINEP/Vozes, v.1, 1987.

POSEY, D. A. Entomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: RIBEIRO, D. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira*. Rio de Janeiro: FINEP/Vozes, v. 1, 1986.

RIBEIRO, D. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SAMUEL. D. Tupinambás lutam por sua identidade. *Jornal A Região*, Itabuna, BA, 2001. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aregiao/art/tupina.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2004.

SILVA. L. S. Educação de adultos e povos indígenas do Brasil: Experiências e desafios na Formação de professores indígenas no Brasil. *Em Aberto*. Brasília, INEP / Ministério da Educação, v. 20, fev. 2003.

VIEIRA. A. M., Tupinambás buscam auto-sustentabilidade. *Informativo Setras*. Salvador, ano 1, n. 3, dez. 2003.